UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

VAGNA LÚCIA SALVIANO DE GÓIS

DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 6º ANO E A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

ITAPORANGA-PB

2014

VAGNA LÚCIA SALVIANO DE GÓIS

DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 6º ANO E A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia de conclusão de curso de Especialização apresentada como requisito para a obtenção de título de Especialista em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela Universidade Estadual da Paraíba/Governo do Estado.

Orientação: Profº. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues.

ITAPORANGA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G616d Góis, Vagna Lúcia Salviano de
Dificuldades de Leitura e Escrita no 6º Ano e a Responsabilidade do Professor de Língua Portuguesa [manuscrito] : / Vagna Lúcia Salviano de Góis. - 2014.
38 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Ma. Adalberto Teixeira Rodrigues, Departamento de Pós Graduação".

1.Educação 2.Dificuldades 3.Aprendizagem 4.Leitura 5. Escrita I. Título.

21. ed. CDD 370.1

VAGNA LÚCIA SALVIANO DE GÓIS

DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 6º ANO E A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia aprovada em 19 / 07 / 2014.

Monografia de conclusão de curso de Especialização apresentada como requisito para a obtenção de título de Especialista em **Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares** pela Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, sob a orientação do prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues.

BANCA EXAMINADORA

Adalberto Teixeira Rodrigues

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues (UEPB)
(Orientador)

Soraya Mª Barros de A. Brandão

Prof.ª. Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
(Examinadora)

Alberto Edvanildo Coura

Prof. Ms. Alberto Edvanildo S. Coura (UEPB)
(Examinador)

ITAPORANGA-PB

2014

Esta Monografia é dedicada a você, criança, que muitas vezes passa despercebida por algum professor e até se torna esquecida por não conseguir aprender, pois tenho a obrigação como educadora de escrever sobre o assunto e tentar com isso, colher informações para subsidiar estudos e pesquisadores futuros nesta problemática tão antiga e ao mesmo tempo tão recente em que se tenta resolver, mas nem todos os responsáveis se dedicam a tal questão.

AGRADECIMENTOS

Quero antes de qualquer coisa agradecer a Deus por poder estar aqui diante de mais um curso e ter forças para continuar, apesar dos inúmeros obstáculos que surgem a cada dia na vida. Quero também poder lembrar-me dos familiares, amigos, namorado que muitas vezes abriram mão de algo importante para estarem ao meu lado quando precisei. A todos os coordenadores de curso. Ao coordenador do pólo de Itaporanga, o professor Alberto que com sua simplicidade e humildade soube desempenhar o seu papel como ninguém. Aos professores das aulas presenciais e aos das aulas virtuais que não mediram esforços para tirar nossas dúvidas e fazer um bom trabalho. Aos colegas de turma que souberam compartilhar cada momento, fosse de descontração ou de dificuldades o meu mais profundo e sincero obrigada a todos.

RESUMO

O Brasil é um país que vem lutando há anos por uma educação de qualidade, criando programas e investindo em bons projetos para conseguir este objetivo, embora os resultados nem sempre têm sido positivos nem os esperados pela sociedade. Os problemas de dificuldades de aprendizagem surgem principalmente na transição da criança do ensino fundamental I para o 6º ano do ensino fundamental II tendo em vista que as crianças chegam a esta série com um nível de aprendizagem muito abaixo do esperado. Foi pensando nesta problemática que esta pesquisa se realizou, através de questionários aplicados a professores, análise e observações de quatro turmas: duas do 5º ano e duas do 6º ano visando especificamente Língua Portuguesa nos eixos de leitura e escrita. Observamos o meio cultural, familiar, escolar e, principalmente, a metodologia e didáticas empregadas pelo educador. Este trabalho torna-se de grande importância, partindo da constatação de que a aprendizagem começa muito cedo e a alfabetização se desenvolve principalmente nos primeiros anos de escola. Por isso a observação no 5º ano que é a série final desse processo para ingresso no 6º ano, momento em que é detectado o problema de aprendizagem em leitura e escrita cujos reflexos, se não trabalhado e corrigido a tempo, se darão nas séries seguintes.

Palavras-chaves: Educação; Dificuldades; Aprendizagem; Leitura; Escrita.

ABSTRACT

Brazil is a country that comes fighting there re years for an Education of quality, it is creating programmers and it is investing in good project to get this objective, the results neither always having be positives, neither the hoped for society. The problems of difficulties of learning appear leadenly in the translation of child from fundamental teaching one to sixth year of the fundamental teaching two where the children arrive this series with a level of learning very down hoped. It went thinking in this problematic that search happened, through of interview with teachers, analysis and observation of four groups: two in the fifth and two in the sixth year are arming specify Portuguese Language in the axle of reading and writing. We observe at cultural way, familiar, school and, principally, the method and didactics invested for educator. This work becomes of great importance, it is parting of the consisting of that learning begins very early and the literacy grows principally in the first years of school, for that observation in the fifth year it is the end series of this process to admission in the sixth year, moment in that it is detected the problems of learning in reading and writing whose the reflexes of that, if did not work and corrected will give in the future series.

Key Words: Education; Difficulties; Learning; Reading; Writing.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 09

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 12

2.1 Alfabetização e letramento: conceitos e práticas pedagógicas nos anos iniciais 12

2.2 PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa 15

2.3 Ensinar a ler e a escrever não é responsabilidade apenas do professor de Língua Portuguesa 17

2.3.1 Interdisciplinaridades a serviço do professor 20

3. ACERCA DOS DADOS COLETADOS..... 22

3.1 Questionários aplicados aos professores 22

3.2 Análises dos dados 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS 30

REFERÊNCIAS 32

APÊNDICES..... 33

QUESTIONÁRIOS..... 34

1 INTRODUÇÃO

A educação é o bem mais precioso que se pode conseguir ou deixar na vida de alguém, mas infelizmente nossos jovens e crianças, apesar de tantas oportunidades que estão a disposição deles, a realidade é que poucos estão interessados em estudar e terminam ficando no meio do caminho sem objetivos nem perspectivas e sem interesse fica complicado um trabalho de qualidade e com bons resultados.

Segundo Sônia Kramer (2010, p.13),

> Ao longo de toda sua história, a alfabetização tem se consolidado entre nós como um problema social, um impasse, um obstáculo de difícil superação: O Brasil ainda é um dos dez países com índices mais altos de analfabetismo em todo o mundo. Essa situação alarmante enseja especialistas, de um lado, a falarem em erradicação, reforçando o ultrajante preconceito e a discriminação em relação à quem não lê. De outro, grupos profissionais, sistemas de ensino e gestores da administração pública a envolverem-se freqüente e insistentemente na busca de políticas, metodologias e estratégias que trariam alguma solução para tão grave problema.

Segundo Sônia Kramer (2010) essa busca tem gerado alternativas equivocadas. Seja implementando projetos arquitetônicos, tais como os Centros Integrados de Educação Pública/Cieps-1980 ou os Centros Integrados de Apoio a Criança/Ciacs-1990, seja delineando programas que envolvem aparatos tecnológicos inovadores, mas em contextos que acabam reproduzindo práticas convencionais ao fazer uso de equipamentos de informática, multimídia, Internet, em programas semipresenciais ou de educação à distância. O fato é que há quase vinte anos a educação tem sido colocada no centro da disputa política no país mobilizando ações em diversas instâncias da vida social e institucional.

Desde alguns anos, no que se referem às propostas nacionais, prédios são construídos, equipamentos fornecidos, materiais didáticos distribuídos, enquanto a vida educativa contemporânea cada vez mais se distancia daquilo que é efetivamente necessário para que todos tenham acesso à leitura e à escrita. De equívoco em equívoco, vai sendo feita uma educação que se afasta mais e mais dos interesses e das necessidades da maioria da população.

Sem condições materiais, objetivos para nossos professores e sem possibilidades concretas de que se tornem intelectuais, críticos de seu tempo, da sociedade em que vivem e dos contextos específicos em que atuam como leitores do mundo e de textos parece ser difícil

superar as marcas do analfabetismo. Certamente não será com prédios, aparelhos de TV, kits multimídias ou novas alternativas metodológicas de ensino que se conseguirá esse feito: os tijolos, o coração e o cérebro das nossas ações escolares foram, são e continuarão a serem os professores e as professoras que ano após ano convivem com crianças, jovens e adultos nas escolas concretas existentes nas esquinas das cidades, nas fazendas do campo, nos bairros pobres e sofridos das periferias.

Garantir o acesso à leitura e à escrita é um direito de cidadania. A escola tem um papel importante a desempenhar na concretização desse direito, contribuindo na construção do conhecimento de crianças ajudando-as a nunca esquecer a história, a sempre rememorar o esquecido, para que se torne possível mais do que nunca mudá-la. Para isso, ler a história é crucial. Por isso, escrever e reescrever os textos é essencial. Ler, escrever e reescrever os textos e a história, enquanto sujeitos dela.

A origem de um problema de aprendizagem pode ser multicausal, podendo estar no educando ou em seu ambiente seja ele: cultural, familiar, escolar e, principalmente, na metodologia e didática empregada pelo educador.

Este trabalho torna-se de grande importância, sabendo-se que a aprendizagem começa muito cedo, quando somos bebês e a alfabetização se desenvolve principalmente nos primeiros anos da escola, as crianças estão chegando ao 6º ano do ensino fundamental II com um nível muito baixo de aprendizagem em leitura e escrita.

Este trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro a Fundamentação Teórica (Alfabetização e Letramento: conceitos e práticas pedagógicas nos anos iniciais; PNAIC Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014) e Ensinar a ler e escrever não é apenas responsabilidade do professor de Língua Portuguesa) e o segundo acerca dos dados coletados (Questionários aplicados aos professores do 5º e 6º anos e Análise dos dados).

Duas vertentes foram adotadas quanto às estratégias utilizadas nas investigações: de um lado, questionários com dois professores do 5º ano do ensino fundamental I e dois com professores de Língua Portuguesa do 6º ano do ensino fundamental II, de outro; observações e análise de aulas nessas turmas que estão distribuídas em duas escolas públicas do município de Curral Velho-PB. Este tem caráter exploratório.

A pesquisa se deu em duas escolas públicas que apresentaram índices altos de alunos no 6º ano com problemas na leitura e escrita. O interesse recaiu nessas escolas em particular pelo fato da maioria de sua clientela ser proveniente das camadas populares, com alunos vindos de várias áreas da zona rural tanto deste município como também de municípios

vizinhos como também por existir apenas essas duas escolas analisadas. Uma das escolas com quinze alunos no 6º ano e deste número seis apresentam dificuldades em leitura e escrita; já na outra escola em questão, de quarenta alunos do 6º ano cerca de vinte não estão no nível da série. (Dados cedidos pelos responsáveis pelas escolas e professores das turmas)

Durante o período de dezembro de 2013 a março de 2014, entrei no cotidiano da escola especificamente no 5º e 6º anos, observando atividades de classe, momentos de merenda e recreação, entrada e saída dos alunos na classe, questionários aplicados aos professores das turmas observadas, conversas informais com mães e profissionais da escola, conselhos e participação em reuniões de pais e professores.

As crianças desde cedo devem ser alfabetizadas de maneira correta para que não sofram com esta dificuldade no futuro. Neste contexto este trabalho propicia momentos de análise, reflexão, questionamentos sobre a importância do trabalho da escola e dos professores no processo de alfabetização e letramento tendo como objetivo identificar e analisar as principais dificuldades vivenciadas pelos professores de língua portuguesa, no trabalho com leitura e escrita no 6º ano do ensino fundamental das escolas públicas em questão para assim conseguir algumas respostas para uma problemática que vem preocupando muito: o porquê de um grande número de crianças chegarem ao 6º ano do ensino fundamental II com dificuldades na leitura e escrita destas escolas observadas. Coletando dados e buscando resultados para ver onde estar este problema, se é na escola, no trabalho desenvolvido pelo professor, na falta de participação e apoio dos pais ou na própria falta de habilidade do próprio aluno para assim tentar melhorar estas dificuldades.

CAPÍTULO I

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Alfabetização e Letramento: pressupostos da aprendizagem e do ensino

A Língua é um sistema que tem como centro a introdução verbal, que se faz através de textos ou discursos, falados ou escritos. Uma proposta de ensino de língua deve valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos sociais, com sua diversidade de funções e sua variedade de estilos e modos de falar. Para isso é importante que o trabalho em sala de aula se organize em torno do uso e que privilegie a reflexão dos alunos sobre as diferentes possibilidades de emprego da língua.

Segundo Naspolin (2009, p.70)

> O conceito de alfabetização foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente com os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Emília Ferreiro, grande pesquisadora na área da aprendizagem da língua, é argentina, fez sua tese de doutorado em Psicologia sob a orientação de Jean Piaget; Ana Teberosky, pesquisadora argentina e autora de diversos livros sobre alfabetização, em 1984, publicaram o livro Los sistemas de escritura em el desarollo del niño (traduzido para o português em 1985 sob o título Psicogênese da língua escrita), no qual expõe as conclusões de sua pesquisa na área. A partir da divulgação dessa obra juntamente com encontros e palestras em várias partes do mundo, houve o início de uma reflexão sobre o processo de aquisição da escrita e uma renovação da metodologia do ensino da língua, sobretudo na alfabetização.

De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas, mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação.

Com o surgimento dos termos letramento e alfabetização, muitos pesquisadores passaram a preferir distingui-los. Passaram a utilizar o termo alfabetização em seu sentido restrito, para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, da natureza e do

funcionamento do sistema de escrita. Passaram, correspondentemente, a reservar os termos letramento ou analfabetismo funcional para designar os usos da língua escrita. Outros pesquisadores tendem a preferir utilizar o termo alfabetização para significar tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos da língua escrita em práticas sociais. Nesse caso, quando sentem a necessidade de estabelecer distinções, tendem a utilizar as expressões "aprendizado do sistema de escrita" e "aprendizado da linguagem escrita".

É sabido por todos os professores que as crianças desde cedo já estão em contato com a língua oral e escrita em diferentes situações do dia a dia e cabe à escola organizar estes conhecimentos prévios das crianças de forma organizada e sistemática.

No livro: Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade (2006, p.70), há uma colocação (cf. Morais e Albuquerque 2004),

> as crianças que vivem em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao redor, sobre seus estilos, usos e finalidades.

Alfabetização e Letramento são dois processos diferentes, mas ambos devem andar juntos para que haja um resultado satisfatório de aprendizagem. A professora Magda Soares (1998, p. 47) distingue bem esses dois processos. A alfabetização corresponderia ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia – a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-la para ler e para escrever. Dominar tal tecnologia envolve conhecimentos e destrezas variadas, como compreender o funcionamento do alfabeto, memorizar as convenções letra-som e dominar seus traçados, usando instrumentos como lápis, papel ou outros que os substituam. Já o letramento, relaciona-se ao exercício efetivo e competente daquela tecnologia da escrita, nas situações em que precisamos ler e produzir textos reais.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

Alfabetizar letrando é um grande desafio para os professores ainda, porque exige reflexão sobre suas práticas diárias em sala de aula e não somente esta reflexão, mas também garantir de maneira eficaz a possibilidade das crianças não somente ler e registrar automaticamente palavras numa escrita alfabética, como também ter a capacidade de ler, compreender e produzir textos que sejam compartilhados socialmente.

Para a professora em Educação pela UFMG, Ceris Salete Ribas da Silva (Explorando o Ensino de Língua Portuguesa 2010, p. 38-39), o desafio que se coloca para os professores que atuam nos primeiros anos de escolarização é o de conciliar esses dois processos- alfabetização e letramento _, assegurando aos alunos tanto a apropriação do sistema alfabético-ortográfico da língua, quanto o domínio das práticas de leitura e escrita socialmente relevantes.

Segundo Silva (2010, p.38-39),

> o desafio que se coloca para os professores que atuam nos primeiros anos de escolarização o de conciliar esses dois processos: alfabetização e letramento, assegurando aos alunos tanto a apropriação do sistema alfabético-ortográfico da língua, quanto o domínio das práticas de leitura e escrita socialmente relevantes.

O trabalho de alfabetização e letramento nas práticas pedagógicas exige que os professores trabalhem metodologias e procedimentos didáticos diferenciados. De acordo ainda com a professora Ceris Salete R. da Silva, os professores devem ter atenção a algumas especificidades do ensino do sistema alfabético, nos seguintes eixos:

- Os conhecimentos que devem ser ensinados aos alunos nos primeiros anos de escolarização;
- Os procedimentos didáticos específicos do ensino dos conhecimentos lingüísticos;
- Os materiais didáticos que podem auxiliar o processo de alfabetização. (Explorando o ensino- Língua Portuguesa 2010, v.19, p.39)

O processo de alfabetização deve ser iniciado no primeiro ano de escolaridade da criança e ser consolidado no final do 2º ou 3º ano do ensino fundamental. Isso vai depender da organização da escola e das turmas e dos alunos.

É fundamental, no primeiro ano de escolarização, propor diariamente à criança diversas atividades voltadas para o desenvolvimento da consciência fonológica. Para Silva (2010, p. 49),

> O conceito de consciência fonológica abrange habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho das palavras e/ou de semelhanças fonológicas entre elas, até a efetiva segmentação e manipulação de sílabas e fonemas. A partir disso, alguns autores têm sugerido a existência de diferentes níveis de consciência fonológica, alguns dos quais provavelmente precedem a aprendizagem da leitura e escrita, enquanto outros parecem ser mais um resultado dessa aprendizagem.

As atividades de alfabetização e letramento se diferenciam tanto em relação às operações cognitivas quanto os procedimentos metodológicos e didáticos que as orientam, essas atividades devem desenvolver-se articuladamente, pois só assim haverá o desenvolvimento da aprendizagem na leitura e escrita. O fundamental mesmo é que as crianças estejam sempre em contato diário com contextos letrados, para que assim haja um aproveitamento, de forma planejada e sistemática de todas as oportunidades para a continuação dos processos de alfabetização e letramento que elas já trazem da sua vivência antes de chegar a escola.

2.2 PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelo Governo Federal, Distrito Federal, Estados, Municípios e entidades para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até oito anos de Idade, ao final do ciclo de alfabetização do 3º ano do Ensino Fundamental (PNAIC 2014, p.8).

Na história do Brasil, temos vivenciado a dura realidade de identificar que muitas crianças têm concluído o ensino fundamental sem estarem plenamente alfabetizadas, assim este Pacto surge como uma luta para garantir o direito de alfabetização plena a meninas e meninos, até o 3º ano do ciclo de alfabetização. Busca-se, para tal, contribuir para o aperfeiçoamento e formação dos professores alfabetizadores. Este Pacto é constituído por um conjunto integrado de ações materiais e referências curriculares e pedagógicas a serem disponibilizadas pelo MEC, tendo como eixo principal a formação continuada de professores alfabetizadores.

A Educação no Brasil vem passando por grandes transformações isto é fato, mas a passos lentos e este programa veio justamente para que novos passos sejam dados na alfabetização e letramento em Linguagem e Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo dados do Ministério da Educação a realidade é que muitos jovens no Brasil, têm concluído o Ensino Médio sem estarem plenamente alfabetizados e que brasileiros com idade entre 15 e 17 anos que efetivamente estão matriculados neste nível de ensino é de 43,1%, segundo dados de 2003. Em 2001, por exemplo, dos brasileiros com idade ideal para cursar o ensino médio, 1 milhão cursava ainda o ensino fundamental ou cursos

profissionalizantes e aproximadamente 5 milhões estavam fora da escola (Português no ensino médio e formação de professores 2006, p.13) e foi pensando nesta problemática que este acordo se firmou entre as esferas governamentais para garantir que as crianças sejam alfabetizadas e letradas na Idade Certa.

O Pacto tem como objetivo principal a formação continuada de professores alfabetizadores, é composto por um conjunto de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas a serem disponibilizados pelo MEC (Ministério da Educação) a todas as escolas e professores inscritos no programa.

A formação continuada de professores alfabetizadores se dá através de um curso, que apresenta uma estrutura de funcionamento na qual as Universidades, Secretarias de Educação e Escolas devem se articular para a realização do processo formativo dos professores alfabetizadores que estão atuando nas escolas, nas salas de aulas.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014) se organiza em quatro princípios centrais que serão considerados ao longo do desenvolvimento de trabalho pedagógico:

1. O sistema de escrita alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
2. O desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
3. Conhecimentos oriundos das diferentes áreas de conhecimento podem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
4. A ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem.

A formação do Pacto na Paraíba está sendo dada pela UFPB sob a coordenação geral da professora Angelina; tendo como coordenadora de Linguagem a professora Mariane e na coordenação de Matemática Maria Azeredo. Cada município dispõe de no mínimo um coordenador local e um orientador de estudo e o número de professores alfabetizadores é de acordo com o censo escolar do ano anterior, onde este deve está cadastrado e lecionando no 1º, 2º ou 3º ano do ensino fundamental.

São dezesseis turmas de Orientadores distribuídas em três polos: João Pessoa, Campina Grande e Sousa; estes participam da formação no seu polo e fazem os encontros com os professores alfabetizadores nos seus municípios e esses professores passam a usar as novas estratégias nas práticas diárias na sala de aula.

A mobilização e união de todas essas pessoas farão a diferença na aplicação de metodologias nos anos iniciais de alfabetização em várias escolas públicas do Brasil e vai desenvolver diferentes habilidades que se tornarão concretizados nas práticas escolares que devem ter como resultado efetivo o conhecimento das crianças.

Desse modo, no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014), são desenvolvidas ações que contribuem para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças no ciclo de alfabetização; para os processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; para o planejamento e avaliação das situações didáticas; para o conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação, voltados para a melhoria da qualidade do ensino no ciclo de alfabetização.

2.3 Ensinar a ler e escrever não é responsabilidade apenas do professor de Língua Portuguesa

O professor de Língua Portuguesa geralmente é visto como o único responsável pelo desempenho do aluno nesta disciplina e muitas vezes é tachado de vilão quando o aluno não consegue aprender ou não tem um bom desempenho, mas na verdade a aprendizagem e formação do aluno é responsabilidade de todos os professores que atuam em sua turma e muitas vezes até na escola, pois as práticas de leitura e escrita não cabem somente ao professor de português, porque de toda disciplina exige-se a compreensão e análise que devem ser trabalhadas e levadas a sério tanto quanto em português.

> “O professor que trabalha com os conteúdos de história, de biologia, de matemática ou de outra disciplina qualquer, precisa pensar-se como professor (a) de linguagem – é principalmente com a linguagem verbal que as relações de ensino-aprendizagem acontecem, por meio de diálogos, exposições orais, atividades de leitura e de escrita, análise de imagens, de quadros, gráficos e problemas, entre outras atividades. Todos nós somos responsáveis pelo trabalho com a linguagem, seja na primeira série/ano escolar ou nas últimas séries/anos do ensino fundamental. (Ens. Fund. De Nove Anos – CECÍLIA GOULART, 2006, p. 92)

Analisando a fala de Cecília Goulart na colocação acima, o professor de português passa de vilão a vítima, pois se todo professor deve trabalhar a leitura e a escrita, todo e qualquer professor, de qualquer nível de ensino, é um professor de linguagem ou pelo menos deveria ser.

O professor, seja ele de qual nível de ensino ou disciplina, deve ter em primeiro lugar compromisso com o seu papel que é o de ensinar e este compromisso é algo que ele vai construindo dia após dia, com a sua competência técnica tem que vir somada a afetividade, para que assim haja um bom trabalho, pois o bom professor deve cumprir seu currículo, mas não deve esquecer que está trabalhando com seres humanos e formando cidadão. Dessa forma ele não pode ser simplesmente um conhecedor dos conteúdos, mas sim, acima de tudo, um conhecedor de almas.

Trechos de um depoimento de uma professora de escola municipal do Rio de Janeiro (LIVRO: Alfabetização, leitura e escrita – Sônia Kramer 2010, p. 65)

Este trecho desse relato tem como objetivo deixar transparente uma das diversas formas em que o papel do profissional do professor pode se expressar.

"Tem três coisas que as crianças precisam aprender, antes mesmo de aprender a ler e escrever – direitos, deveres, limites. Elas têm o direito de aprender a ler e escrever, que eu tenho o dever de ensinar. Mas elas têm o dever de estudar, todo dia, sempre. O que eu acho importante mesmo é dizer para as crianças que elas precisam saber ler e escrever, e que para isso precisam estudar. Eu me esforço, preparo aulas. O meu esforço é vir, ensinar o máximo; o delas é estudar".

Eu queria saber em que pontos eu pego que elas aprendem. Têm dificuldades? Eu sei que podem superar. Todas, todas. Se tem alimentação ruim, problemas em casa, pobreza de todo jeito, eu sei que podem superar.

Não sei se consigo, mas tento sempre deixar claro para as crianças que eu tenho certeza de que elas vão aprender. Até o último dia de aula eu chego à escola achando que tem criança que ainda pode aprender. Dou sempre esta esperança para elas.

Se eu fosse arquiteta, eu não podia descuidar do desenho da planta ou do trabalho da obra. Mas eu não sou arquiteta. Sou professora. E professora é profissional do ensinar a ler e escrever. Então, não posso descuidar dessa tarefa. Esse é o meu papel. É para isso que estou na escola e é isso que eu devo fazer, e fazer bem". (ANA LÚCIA, professora de escola pública, Rio de Janeiro, 1985)

O relato mostra de um lado, o caráter profissional com que a professora encara o seu papel na escola e, como este papel está relacionado – do seu ponto de vista- ao papel desempenhado pelas próprias crianças.

Segundo Sônia Kramer (2010, p. 66),

> há muitas formas do professor manifestar seu papel na escola, e elas não são passíveis de rótulos ou categorizações enganosas. É preciso identificar que formas são essas, expandi-las e fornecer as respostas às indagações para o conjunto dos professores que no seu dia a dia lutam por ensinar as crianças a ler, escrever e contar.

O exercício profissional do professor é determinado por uma série de fatores que passam pela formação escolar desse professor, pelas suas condições objetivas de trabalho e pelas formas com que a escola que atua assume, junto com ele, a tarefa de alfabetizar, fornecendo-lhe o apoio administrativo e pedagógico necessário. Outro ponto não menos importante para que este papel se assuma de maneira positiva é a formação em serviço, permanente, continuada.

> A organização do trabalho de leitura e escrita nos primeiros anos de escolarização deve estar em sintonia com o que é próprio dessa faixa etária, considerando-se tanto a experiência prévia das crianças com o mundo da escrita, em seus espaços familiares, sociais e escolares, com as particularidades de seu desenvolvimento. A elaboração de uma proposta de alfabetização pelos professores precisa privilegiar a criação de contextos significativos de ensino e aprendizagem que são decorrentes do trabalho com temas de interesse do universo infantil e com modelos de atividades que privilegiam o ludismo e que desafiam as crianças a lidar com a diversidade de textos que conhecem e de outros que precisam conhecer como os textos literários, sem perder de vista os conteúdos a serem ensinados. É fundamental que os professores se conscientizem de que as crianças das escolas públicas, em sua maior parte expostas a processos de exclusão social, são capazes de aprender como quaisquer outras, não possuindo, deficiências cognitivas, lingüísticas, culturais ou comportamentais. É responsabilidade de todos nós educadores assegurar a essas crianças que chegam à escola mais cedo oportunidades de acesso e domínio da leitura e da escrita. (Ceris Salete Ribas da Silva - Coleção Explorando o ensino. Língua Portuguesa 2010, p.42)

A Língua é um sistema que se estrutura no uso, escrito e falado, sempre contextualizado. A condição básica para o uso escrito da língua, que é a apropriação do sistema alfabético, envolve, da parte dos alunos, aprendizados muito específicos, independentes do contexto de uso, relativos aos componentes do sistema fonológico da língua e as suas inter-relações.

A Língua Escrita está presente de maneira visível e marcante nas atividades cotidianas, assim os alfabetizadores terão contato com textos escritos e formulação de hipóteses sobre sua utilidade, seu funcionamento, sua configuração. Assim a ação pedagógica torna-se produtiva e contempla de maneira articulada a aprendizagem.

Segundo Sônia Kramer (2010, p.188),

> É importante lembrar que, no Brasil, muitas crianças e jovens das camadas populares permanecem anos na escola sem se tornarem leitores, sem adquirir familiaridade com os processos de escrita, ou mesmo sem aprender a resolver problemas simples de matemática. "Muitos são estudos sobre o chamado fracasso escolar no Brasil que apontam a inadequação da escola: professores e equipes com frequência não sabem lidar com diferentes culturas, valores, classes sociais, práticas, hábitos e linguagens, tendo enorme dificuldade de ensinar crianças que provêm das famílias pobres, com pouco acesso a contextos, produtos e materiais escritos. Esses conflitos pedagógicos, os baixos salários, as inovações tecnológicas e as condições precárias de trabalho historicamente vêm contribuindo para gerar o fracasso escolar e suas consequências sociais e educacionais.

2.3.1 A Interdisciplinaridade a serviço dos professores

Os grandes projetos interdisciplinares da escola, os que atendem interesses específicos da turma, aqueles que atendem necessidades de inserção dos alunos nas práticas pré-requisito do currículo, são estratégias pedagógicas centradas na prática social. Adotar esta prática como ponto de partida do trabalho escolar, além de acarretar a mobilização de gêneros de diversas instituições, pelos diversos participantes, para realizar a ação, promove o desenvolvimento de competências básicas para a ação; assim o trabalho escolar pode vir a ser estruturado tendo essas competências como elemento estruturante; é a experiência em situações diversificadas da vida social que põe o educando no papel de sujeito produtor de conhecimento, de participante dos mundos do trabalho, do estudo e do lazer de protagonista. (PCNEM, 1999)

A Interdisciplinaridade deixa claro que todas as disciplinas podem desenvolver todas as competências e habilidades. Sendo uma concepção atual convida a uma nova concepção do homem e do conhecimento e vai além, promove a troca de metodologia entre as disciplinas, as novas propostas educacionais de cada uma delas com base na interdisciplinaridade podem desenvolver o raciocínio, o pensamento, o sentimento tanto quanto a Matemática, a Arte dependendo da maneira como elas forem trabalhadas nas práticas pedagógicas em sala de aula.

Quando o professor começar a trabalhar as disciplinas de forma conjunta, estará também desenvolvendo as mesmas competências e habilidades dos educandos e

estabelecendo relações entre si assim, estará trabalhando a interdisciplinaridade. Assim, fica clara a compreensão de que todas as disciplinas têm a mesma importância quando estão envolvidas, comprometidas em desenvolver as mesmas competências e habilidades em nossos educandos.

> Precisamos nos atualizar, tomar consciência das mudanças que se realizam sob nossos olhos, mas que muitas vezes não queremos enxergar porque se enxergarmos, vamos ter que mudar, inovar, ler, pesquisar, buscar constantemente. (Tânia Dias Queiroz em PEDAGOGIA DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES 2001, p. 27)

O trabalho interdisciplinar é algo recente e tudo que é novo causa desconforto porque nem todos estão dispostos a acompanhar as mudanças e essas mudanças quase sempre exigem estudo, preparação, superação, mas o medo do novo muitas vezes atrapalha as transformações que poderiam acontecer; outros preferem não sair da sua zona de conforto ou do comodismo, porque mudar além de tudo isso exige principalmente trabalho duro.

CAPÍTULO II

3. ACERCA DOS DADOS COLETADOS

Pofessora 1

Esta professora está cursando Pedagogia pela Faculdade Cristo Rei, mas quando começou a lecionar, há sete anos, tinha apenas o Ensino Médio e iniciou sua profissão docente nesta escola pública a qual foi observada. A educadora trata seu trabalho com muita seriedade e muito amor à profissão; A construção da aprendizagem de seus alunos é de suma importância, pois a mesma determina a fase que a criança se encontra para que seja feito um trabalho de qualidade e avançar no desenvolvimento da criança.

Segundo ela, quando começou a trabalhar, tudo era muito difícil, pois faltava-lhe a experiência, a didática...mas hoje, os sete anos vividos em sala de aula com as crianças e a prática pedagógica aplicada em suas aulas, tornou seu ofício mais fácil, interessante e prazeroso, pois se comparando ao início de sua prática e agora, a experiência faz toda diferença.

Quando perguntada sobre Interdisciplinaridade, alfabetização e Letramento, respondeu que costuma trabalhar na prática estes termos, pois ambos vieram com o mesmo objetivo: a aprendizagem, mas apesar de usá-los, ver nos alunos uma grande falta de interesse e vai mais, além disso, tentando envolver os alunos de forma lúdica e atrativa mesmo assim, encontra dificuldades, pois para ela a heterogeneidade da turma complica e a interdisciplinaridade, alfabetização e letramento são ainda elementos recentes, e tudo que é novo assusta. Para ter resultados necessita que sejam trabalhados por todos, mas não é o que se ver, porque enquanto eu trabalho dessa forma há outros que não o fazem.

A indisciplina, segundo a educadora, é outro fator que atrapalha o desenvolvimento de sua turma, pois suas aulas são planejadas para que os alunos se sintam a vontade para errar e aprender, mas a falta de socialização e o comportamento os prejudicam, embora este fator não interfira na sua vontade e responsabilidade de fazer o seu trabalho de forma coerente para a aprendizagem dos seus alunos, ou seja, mesmo com tantas dificuldades, não deixa de fazer sua parte corretamente, porque eles são crianças e existe muitas vezes por trás desse comportamento rebelde, a falta da família.

Sobre as dificuldades que as crianças apresentam em leitura e escrita, no ponto de vista desta professora não ocorre por falta de bons professores, pois a escola tem ótimos educadores, mas muitos nem sempre são compromissados com o seu papel de alfabetizador e

aponta outros itens que fazem com que não ocorra uma boa aprendizagem: a ausência dos pais, empenho dos alunos, cumprimentos dos horários e deveres, participação nas atividades de sala e eventos da escola, problemas familiares e apesar das escolas receberem muitos recursos materiais, mas ainda não são suficientes para a demanda dos alunos em sala de aula.

Professor 2:

Quanto a professora em questão é formada em Pedagogia pela UVA (Universidade Vale do Acaraú-CE), leciona há vinte e oito anos de idade. Hoje, segundo ela, a falta de interesse por parte dos alunos é muito grande, como também a falta de respeito. "Antigamente, na minha época de aluna, costumava respeitar e admirar meus professores, coisa que pouco se ver nos dias de hoje", diz a professora.

Outra questão apontada pela educadora é o descaso da família em relação ao desempenho dos filhos na escola e na sala de aula, onde a maioria dos pais não se dedica nem se importa como acontecia anos atrás. Nos dias de hoje os pais deixam os filhos por conta da escola, tirando o corpo fora e fugindo da responsabilidade que lhes cabem.

Em relação a Interdisciplinaridade, Alfabetização e Letramento acha que são termos que estão interligados e tenta dentro do possível aplicá-los a sua prática pedagógica buscando alcançar seus objetivos para beneficiar a aprendizagem dos seus alunos.

Quando perguntada sobre a coerência de sua prática e as necessidades dos alunos, a professora foi enfática em dizer que isso é difícil de ocorrer por conta da Instituição não oferecer materiais e outros recursos necessários para subsidiar o seu trabalho, mesmo assim não deixa de dá o seu melhor para os resultados acontecerem, embora estes sejam difíceis por conta de tantos pontos negativos.

Para a professora, um dos problemas centrais que a escola e professores enfrentam é a ausência dos pais nos compromissos de casa e da escola, pois muitos não acompanham o desenvolvimento dos filhos, não olham nem ajudam nas tarefas de casa, não procuram a escola nem tão pouco o professor para saber sobre o desempenho das crianças. "Se temos um bom acompanhamento, com certeza seria bem mais fácil se desenvolver a leitura e escrita com mais habilidades e desenvolvimento da turma". (M.S.L. Escola Pública, 2014)

Professora de Língua Portuguesa do 6º ano 1

A professora de Língua Portuguesa é formada em Letras com habilitação em Português e inglês e ensina esta disciplina (Língua Portuguesa) há dez anos, nesta mesma escola.

Para a professora, se houvesse ajuda dos outros colegas, a aprendizagem dos alunos seria diferente, porque quando se une forças, os resultados são bem melhores, mas segundo ela, mesmo não sendo responsabilidade apenas sua como professora de português, muitos colocam esta "carga" em suas costas, tirando o corpo fora.

"A interdisciplinaridade é a maneira que os professores têm de trabalhar de forma interativa uns com os outros" diz a professora, pois quando o educador aprende a intercalar as disciplinas, a prática em sala de aula melhora em todos os aspectos principalmente para o professor porque ele vai poder interagir com os colegas e vice-versa e para o aluno porque as vezes um texto em português pode ser desenvolvido em outras disciplinas de outros professores e isso livraria o aluno do excesso de tarefas e trabalhos.

Segundo a educadora, um dos fatores principais para que haja aprendizagem é um bom planejamento; quando este é aplicado em sala de aula de forma coerente com as necessidades dos alunos. Outro fator apontado também é a falta de acompanhamento da família que usa várias desculpas para não está presente na escola dos seus filhos.

O trabalho da professora é feito a base de diversos gêneros textuais, de maneira contextualizada, principalmente levando para a realidade de seus alunos, embora com turmas heterogêneas procura sempre atingir o máximo deles em aprendizagem, mesmo assim os resultados nem sempre são os melhores.

A professora falou antes de qualquer outra coisa da falta de disciplina que a maioria dos alunos tem em sala de aula e muitas vezes em todo o ambiente escolar, que segundo ela é uma das causas dos alunos chegarem ao 6º ano com um nível abaixo do esperado para alunos nesta série. Diz a professora: "precisamos de disciplina para tudo na vida, até para escovar os dentes". E continua: temos alunos desatentos e que não tem autonomia para escolher um horário em casa para rever e refazer o que foi visto nas aulas. Isso segundo ela tem prejudicado bastante o processo de ensino e aprendizagem. Sendo estas dificuldades encontradas na realização de atividades de leitura expressivas e principalmente de interpretações. "Ler para entender", esta é a dificuldade crucial comenta a professora.

Neste contexto, constata-se também a ausência dos pais na vida estudantil dos filhos, tornando assim ainda mais difícil esse processo e dificultando cada vez mais o cumprimento dos conteúdos programáticos previstos na grade curricular. Outro fator que influencia para o

não cumprimento desses conteúdos são os eventos que acontecem na escola e o próprio ritmo de aprendizagem de alguns alunos.

A escola é um espaço privilegiado para se aprender ler e escrever, mas tem suas limitações referentes ao espaço físico, o que não é adequado para o alunado desenvolver algumas atividades físicas e recreativas; fatores importantes para um bom desempenho nas atividades da sala de aula. Acredita a professora que é possível mudar essa situação que se encontra na educação, conscientizando os alunos da importância da aquisição da leitura e escrita de forma proficiente. Depois o professor e a escola devem promover atividades que os envolvam com empenho e compromisso na realização com leitura e escrita.

Professor de Língua Portuguesa do 6º ano 2:

A professora tem curso superior. Formada em Economia pela FIP (Fundação Francisco Mascarenhas, Patos-PB), mas hoje está cursando Letras pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba - virtual).

Para a professora a responsabilidade de se trabalhar linguagem na sala de aula não é apenas sua como professora de Português, mas que este aprendizado depende mais da vivência que o aluno tem no seu cotidiano e do que ele expressa. Além deste fator, uma mudança expressiva deveria ocorrer também na linguagem que é empregada, exposta e trabalhada nos livros didáticos e nas mídias.

Quando perguntada sobre a Interdisciplinaridade disse: “Seria uma estreita convivência entre as diversas disciplinas”. Assim sendo, para ela fala-se muito nisso, mas não é o que acontece. Não é uma garantia de nada, mas talvez houvesse resultados bons se todos se unissem num mesmo objetivo. Mesmo assim, ainda segundo a educadora, são muitas teorias e regras a serem seguidas, mas pouca base de aprendizagem.

No ponto de vista da professora de Língua Portuguesa em questão, as crianças têm uma base de alfabetização errada, pois muitas não conseguem sair dos anos iniciais (Ensino Fundamental I) com o mínimo de conhecimento e domínio dos códigos lingüísticos. Mesmo assim, tenta incentivá-los a desenvolver o hábito de leitura de vários gêneros textuais com temas atuais e da realidade dos alunos para que estes textos além de objetivos lingüísticos tenham também função social na vida dessas crianças.

Mesmo com tanto incentivo e dedicação, ver também que os alunos se saem muito bem na oralidade, mas quando partem para a produção escrita poucos conseguem progredir.

Deixa a seguinte frase: “É como lhe entregar uma máquina sem manual de instrução e não houvesse ninguém para fazê-la funcionar”.

3.2 Análises dos dados

A alfabetização é o período mais importante da formação escolar de uma pessoa, tendo insucesso o aluno desiste, aumentando as estatísticas de evasão escolar nos anos iniciais. Porém a escola, muitas vezes, não atribui o valor que ela merece, ensinando mecanicamente a decodificação do código linguístico, sem desenvolver nos alunos, estruturas cognitivas indispensáveis para a leitura e a escrita. Por isso surgem as dificuldades quando os alunos ingressam no 6º ano, pois os mesmos não são capazes de construir habilidades de leitura e da escrita de uma determinada língua, sendo que a alfabetização envolve o desenvolvimento de compreensão e capacidade de interpretar, de criticar, de resignificar e de produzir conhecimento. Nesse âmbito foram aplicados questionários a dois professores de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental II e dois a professores do 5º ano do ensino fundamental I, através dos quais eles expõem seus métodos de trabalhar as dificuldades trazidas pelos alunos, como também as dificuldades encontradas em relação aos recursos oferecidos.

Entre os professores do 5º ano do ensino fundamental, um deles já tem o curso de Pedagogia e faz vinte e oito anos que leciona para crianças, o outro está cursando Pedagogia e há sete trabalha com crianças. Ambos encontram muitas dificuldades em alfabetizar, principalmente pela falta de materiais, acompanhamento dos pais e compromisso das próprias crianças que muitas vezes não trazem suas tarefas e não cumprem com todas as obrigações que lhes são atribuídas.

Para os professores de Língua Portuguesa que responderam ao questionário um dos fatores mais negativos pelo qual as crianças chegam ao 6º ano com tantas dificuldades e até sem muita noção de leitura e escrita é algum professor da base deixar de fazer o seu trabalho bem ou não dá continuidade ao que o colega do ano anterior começou, ou seja, às vezes o egoísmo de alguns prejudica a vida de muitos. Outros fatores apontados também e não tão diferentes dos professores do 5º ano são a falta de materiais, o não acompanhamento dos pais, a própria criança que deixa suas responsabilidades de lado, mas o principal e fundamental fator para eles é a falta de um trabalho interdisciplinar com outros colegas que se negam a compartilhar suas disciplinas, idéias e dificuldades.

A preocupação para que as crianças tenham uma educação de qualidade e venham a aprender e crescer profissionalmente é clara, mas ainda se busca muito a colaboração de outros grupos como a sociedade, como os pais, os gestores, os professores e o principal – o aluno, pois sem ele nenhuma dessas discussões e declarações tem sentido de existir. Tratando da escola em particular, pelos questionários aplicados aos professores, as visitas ás escolas e as turmas em questão, fica nítida a necessidade que se tem de haver um trabalho interdisciplinar em que todos devam assumir sua responsabilidade diante dos problemas e dificuldades surgidos.

Diante dessas observações e em conversas informais com algumas mães, professores, nessas duas escolas, sempre identificam a problemática que neste caso em particular é a dificuldade que o professor de língua portuguesa encontra em trabalhar leitura e escrita quando não pode contar com ajuda e apoio de outros colegas, pois este é um problema que se estende até o ensino médio, mas que se responsabiliza sempre o professor de português quando este na verdade não é o único responsável.

Depois de muito se observar nas escolas em questão, alguns dados ficaram claros como uma grande maioria das crianças das turmas de 6º anos vem da zona rural do município em questão e até de outros municípios também; outra parte fica na troca de escola para escola, pois só existem essas duas que foram observadas na zona urbana. Isso é prejudicial para o desenvolvimento das crianças e complicado para o professor trabalhar porque forma-se nessa tudo turma muito heterogênea, aonde cada grupo desses alunos vem de um histórico escolar muito diversificado, deixando assim o professor meio perdido e com este fato ele também perde tempo em descobrir que estratégias usar para trabalhar com esses alunos.

Algumas crianças tiveram pedagogos como professores até o 5º ano, outras estudaram com professores apenas com ensino médio; um dado muito relativo, pois quantas vezes não ouvimos relatos de grandes profissionais hoje que foram alfabetizados pela mãe, por uma tia ou por uma irmã mais velha que havia terminado o primário (naquela época), mas sabemos que é fundamental hoje o professor ter um curso superior na sua área e dominar o seu trabalho para ser reconhecido como um bom profissional, porque os desafios de mudanças na Educação são muitos e cabe a ele procurar meios para melhorar suas práticas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação passa hoje por um processo de transformação que vai das mais simples propostas às mais complexas mídias e tecnologias avançadas que vem surgindo a cada dia. Essas transformações estão aí para que também haja uma melhora neste campo, embora é clara a deficiência de aprendizagem que os estudantes vêm sentindo principalmente ao chegarem ao 6º ano do ensino fundamental II, onde no ensino fundamental I deveriam sair alfabetizadas, mas a realidade é bem diferente do que se ver e foi neste sentido que esta pesquisa se desenvolveu.

O Ministério da Educação vem criando programas federais para que estas dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita sejam sanadas, mas é sabido que deve haver a colaboração de todos que fazem a Educação e na verdade não é o que se ver, pois o professor de Língua Portuguesa na maioria das vezes se encontra sozinho com a responsabilidade de ensinar a ler e escrever e quando isso não ocorre a culpa sempre recai sobre ele. Outro fator agravante é que hoje temos no Brasil professores que não acompanham a evolução dos recursos didáticos e passam a viver a sombra de outros colegas, ou por medo do novo ou pelo próprio comodismo que afeta uma grande parte dos profissionais que atuam na Educação.

O problema da dificuldade de aprendizagem das crianças desde as séries iniciais e se estende por uma vida começa a ser notado no 6º ano e é muito sério e o que se observou é que a escola não caminha sozinha e os seguimentos e parceiros que poderiam estar juntos, muitas vezes ignoram esta problemática. Isto é observado com mais freqüência na própria família que fica alheia a situação e assim, cada um joga o problema para o outro, ou seja, o sistema joga para a escola; a escola joga para a família; a família para a escola; em fim vira uma bola de neve em que ninguém se ajuda e o principal prejudicado é a criança.

Diante deste trabalho que foi desenvolvido no período de dezembro de 2013 a fevereiro de 2014 em duas escolas públicas, uma municipal e a outra estadual e busca-se que alunos, professores, pais, e a escola como um todo se conscientizem e cumpram seus papéis de forma responsável para que as crianças não cheguem mais ao 6º ano com dificuldades que não são regulares para este nível, mas que mesmo acontecendo, o professor de Língua Portuguesa principalmente, ao diagnosticar o problema use estratégias para mudar esta realidade, buscando a parceria de todos que necessite e que outros professores de outras disciplinas se conscientizem de que eles são tão responsáveis quanto o professor de português da aprendizagem ou não dos seus alunos

Muito importante, também foi observar, nessa mesma escola, que há alunos com desempenho positivo também. Sendo o contexto escolar até certo ponto adverso e não facilitador da atuação do professor, pois este nem sempre tem recursos materiais disponíveis para manuseio de todos os alunos, a falta de parceria com colegas de outras disciplinas, a influência do mundo fora da sala de aula, como também a falta de apoio e ajuda de alguns familiares e até mesmo a falta de uma equipe pedagógica para acompanhamento e subsidiá-los no planejamento de suas aulas. Talvez não sejam fatores decisivos, mas alguns dos principais, já que se pretendia identificar o que, na prática, determina e favorece a concretização da leitura e da escrita, portanto, se todos estes fatores caminhassem juntos para o mesmo objetivo que seria o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

As mudanças estão chegando a passos lentos, mas já é um grande começo para a transformação das nossas crianças e isso só acontecerá se a maioria dos educadores tentarem lutar pelos seus alunos, buscando de alguma forma, resolver ou pelo menos amenizar suas dificuldades e necessidades, procurando fazer sempre o melhor por eles. Não procurar culpados pelos seus fracassos, mas encontrar sentido para o sucesso deles.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília**: FNDE, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Caderno de Apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, Leitura e Escrita:** formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Formação de Professores.** Brasília: CEBEC, 2012.

PENIN, S. T. S. Uma escola primária na periferia de São Paulo. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: 1983.

QUEIROZ, Tânia Dias; BRAGA, Márcia M. V; ELAINE Penha**. Pedagogia de Projetos Interdisciplinares.** São Paulo: Rideel, 2001.

RANGEL, E. O; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. In: BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica. Coleção explorando o ensino v. 19. Brasília, 2010.

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1978.

SEVERINO, Antônio Joaquim**. Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

APÊNDICES

instituição que faço parte do quadro, a falta de material disponível, para dar uma boa aula ao nível da turma.

5º Acima de tudo o acompanhamento familiar, tanto nos compromissos de casa como da escola. Se temos um bom acompanhamento com certeza seria bem mais facil de desenvolver a leitura e escrita com mais habilidade e desenvolvimento da turma.

ESCOLA: E.E.E.F. M. Coronel Zuza Bracerda

PROFESSOR (A):

QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

1ª) Qual é a sua formação acadêmica?

2ª) Há quanto tempo leciona do 1º ao 5º ano? O que acha de diferente na sua prática de sala de aula hoje e de quando começou a lecionar?

3ª) O que você poderia falar sobre os termos INTERDISCIPLINARIDADE e ALFABETIZAÇAO e LETRAMENTO? Seu trabalho em sala de aula segue o que se prega nestas temáticas, ou seja, faz um trabalho interdisciplinar buscando alfabetizar letrando? Justifique.

4ª) Como professor alfabetizador no 5º ano, acha que sua prática em sala de aula está sendo coerente em relação às necessidades de sua turma? Comente.

5ª) O processo de alfabetização ainda aponta muitas deficiências, principalmente em leitura e escrita. Como professor desse processo, acha que os professores do 1º ao 5º anos de sua escola se dedicam realmente a alfabetizar seus alunos? O que apontaria como dificuldades para uma alfabetização de qualidade?

DESENVOLVIMENTO

1º) R - Ensino médio completo e cursando pedagogia

2º) R - Trabalho nessa modalidade há 7 anos, com o passar do tempo vejo que ganhei muita experiência e isso faz o meu trabalho hoje, ser mais fácil, para trabalhar com crianças, o que é uma grande responsabilidade. No início tudo é mais difícil

3º) R - Os três resultam num só defeito. que a aprendizagem dos alunos. Utilizo sim essas modalidades, mas vejo uma grande falta de interesse nos alunos, acredito que as vezes temos que ir além dessas ferramentas. A interdisciplinaridade é uma ~~forma~~ forma muito boa de envolvê-los de forma lúdica e atrativa mas a alfabetização e o letramento é ainda muito questionado pelo menos na minha sala, pela seguinte questão: Cada aluno segue um padrão de aprendizagem diferente então compete a mim mudar a forma de ensino para poder seguir adiante. Até que busco trabalhar com essas modalidades mas essa é uma dificuldade.

4º) Acho que sim, o problema é que a minha turma não sabe socializar e se comportar, atrapalhando muito as aulas.

ESCOLA:_____

PROFESSOR (A):_____

QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

1ª) Qual é a sua formação acadêmica? O 3º grau completo (economista)

2ª) Sendo professor de Língua Portuguesa no 6º ano do ensino fundamental, acha que é responsabilidade apenas sua de trabalhar as dificuldades apresentadas pelos alunos em linguagem? Justifique.

3ª) O que sabe sobre Interdisciplinaridade? Em sua opinião os professores a partir do 6º ano trabalham de forma interdisciplinar ou não? Será que os resultados seriam diferentes se houvesse esta parceria entre professores e disciplinas curriculares?

4ª) No seu ponto de vista, quais seriam as causas das crianças estarem chegando ao 6º ano com dificuldades em leitura e escrita quando deveriam chegar totalmente alfabetizadas?

5ª) Diante desta problemática, como professor de Língua Portuguesa, o que está fazendo para trabalhar estas dificuldades nos seus alunos?

DESENVOLVIMENTO

2) Não, eu acho que não. A linguagem se aprende falando, vivendo o dia a dia. O que o aluno vivencia é o que ele expressa. Então, para melhorar a linguagem, todo um processo tem de se modificar, inclusive a própria linguagem dos livros e das mídias.

3) Seria uma estreita convivência entre as diversas disciplinas. Na verdade, não trabalhamos. Fala-se muito disso, mas na prática é bem diferente. Talvez os resultados fossem positivos, mas também é preciso modificar a maneira como as disciplinas são trabalhadas: jogam-se muitas teorias e regras aos alunos mas não lhe dão a base silábica e das operações matemáticas. Subentendem que o aluno tem essa base e ele não tem.

4) A base é trabalhada de forma errada. Se a linguagem é transmitida através de códigos, as letras, sílabas e os números são estes códigos e se o aluno não dominá-los, fica a lacuna e ele não consegue evoluir.

5) Incentivar a leitura cotidianamente, de diversos tipos de texto e promover debates sobre os assuntos atuais. Só que ele até entende e se expressa oralmente, mas quando ele não foi bem alfabetizado, ele não consegue progredir muito. É como se entregar uma máquina sem manual de instrução e não houvesse ninguém para fazê-la funcionar.

ESCOLA:_____

PROFESSOR (A):_____

QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

1ª) Qual é a sua formação acadêmica?

2ª). Sendo professor de Língua Portuguesa no 6º ano do ensino fundamental, acha que é responsabilidade apenas sua de trabalhar as dificuldades apresentadas pelos alunos em linguagem? Justifique.

3ª) O que sabe sobre Interdisciplinaridade? Em sua opinião os professores a partir do 6º ano trabalham de forma interdisciplinar ou não? Será que os resultados seriam diferentes se houvesse esta parceria entre professores e disciplinas curriculares?

4ª) No seu ponto de vista, quais seriam as causas das crianças estarem chegando ao 6º ano com dificuldades em leitura e escrita quando deveriam chegar totalmente alfabetizadas?

5ª) Diante desta problemática, como professor de Língua Portuguesa, o que está fazendo para trabalhar estas dificuldades nos seus alunos?

DESENVOLVIMENTO

1º Licenciatura em Letras

2º As dificuldades de aprendizagem, seja elas quais forem é responsabilidade de todos os professores, embora nem todos pensem assim, ou seja, não acho que seja responsabilidade apenas minha como professor de português, trabalhar essas disciplinas.

3º A Interdisciplinaridade é a maneira que os professores têm de trabalhar de forma interativa uns com os outros. Deve-se trabalhar as disciplinas intercaladas umas com as outras, mas do 6º ao 9º anos este trabalho não é muito visto na prática, pois cada professor trabalha isoladamente.

4º Um dos fatores primordiais é a falta de um planejamento interdisciplinar, pois quando se diz que vai trabalhar um projeto, na teoria do mesmo, coloca-se disciplinas afins, quando vai para a prática cada professor fica trabalhando na sua disciplina e turmas sem contactar o outro ou os outros professores. Isto não é interdisciplinaridade. A falta da família também enfraquece o processo de aprendizagem das crianças.

5º Procuro trabalhar diversos gêneros textuais de forma contextualizada, usando o lúdico sem deixar de seguir o currículo, mas é muito difícil, porque todas as disciplinas necessitam de leitura e escrita, mas os professores das mesmas, não enfatizam isso, pois se o fizessem seria uma grande ajuda para o professor de Língua Portuguesa.